

A pioneira FLAMA

Texto **Patrícia Fonseca**

Uma das revistas mais marcantes do século passado, sobretudo na segunda metade dos anos 60 e início dos anos 70, a Flama, a par de outras revistas, como O Século Ilustrado ou a Vida Mundial, introduziu nos hábitos de leitura dos portugueses o gosto pelas newsmagazines¹, que há muito faziam sucesso noutros países.



flama
ANO 1968 • Nº 241 • 17 DE JUNHO DE 1968 • 120

RUA DO BARRIO

ALFAMA

A "flama" inicia neste número uma série de reportagens directamente vividas nos bairros mais

1. O INÍCIO

Fundada a 5 de Fevereiro de 1937 no formato de jornal quinzenário, propriedade da Juventude Escolar Católica, a *Flama* surgiu primeiro como “jornal ilustrado de actualidades” e, mais tarde, como “revista semanal de actualidades²”. O seu director era António dos Reis Rodrigues e Ruy Heytor chefiava a redacção, instalada na Rua Nova do Almada, em Lisboa. Nesse primeiro número, o director explicava a escolha do nome:

“O nome do nosso jornalzinho é legenda e programa, pois, na essência, “Flama” quer dizer luz e calor – e a nossa missão não é mais do que espalhar luz e calor à nossa volta. O nosso órgão é Flama, pelo que tem de iluminar a inteligência dos jécistas e de os afervorar na prática das virtudes cristãs.” (Flama, 5 de Fevereiro de 1937, pág. 3)

Cada número tinha apenas 8 páginas, em formato ligeiramente inferior ao A3, e era impresso a preto e branco, durante o primeiro ano, passando depois a incorporar mais uma tonalidade – as edições variavam entre o verde, o azul ou o castanho. Um número avulso custava cinquenta centavos, uma assinatura de 24 edições ficava por 12 escudos, subindo para 15\$ se enviada para o Império Colonial, ou 18\$, se para o Estrangeiro.

A aventura dos estudantes católicos terminou em Janeiro de 1942, quando era seu director Nuno Mourão e Baptista de Abreu assumia o lugar de chefe de redacção.

As instalações do quinzenário tinham sido transferidas, entretanto, para o Campo Mártires da Pátria.

Na despedida, Nuno Mourão explicava que o jornal *Flama* cedia “jubilosamente” o lugar a um quinzenário chamado *Ala*, “que será não só da JEC, mas também da JIC e da JUC”. O título desse derradeiro editorial era premonitório: “*A forma passa, o espírito não*” (*Flama*, 15 de Janeiro de 1942).

2. DE JORNAL A REVISTA

Dois anos depois, a 13 de Maio de 1944, o título renascia, de facto, com outra forma: a de revista. Continuava a ser propriedade da Juventude Escolar Católica e contava com o apoio do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que nesse primeiro número escreve: “*Reapareceu hoje a Flama, é dia de festa para a JEC.*” O director era João Raposo de Magalhães e o lugar de editor foi assumido por José António Cordeiro Vinagre, sendo estes “tutelados” pelo frei João Diogo Crespo, que, apesar de não constar na ficha técnica, era o “director editorial” da publicação³, assinando uma coluna de opinião, em jeito de editorial, sob o título “À margem”.

Uma nova redacção, fervilhante de entusiasmo, mudara-se para a Avenida Miguel Bombarda. Aí criaram o primeiro exemplar da revista *Flama*, com 16 páginas impressas em dois tons, paginadas de forma criativa e arrojada para a época, recorrendo muito à fotografia. Na base da sua capa, dominada por um jovem sorridente,

Fundada a 5 de Fevereiro de 1937 no formato de jornal quinzenário, propriedade da Juventude Escolar Católica, a Flama surgiu primeiro como “jornal ilustrado de actualidades” e, mais tarde, como “revista semanal de actualidades”.



"...[Flama] tem entre os seus fins o de promover o progresso das letras e do amor pela ciência entre a gente m^oça. Podíamos ocultar um pouco a nossa qualidade de católicos activos e muito aumentaria o nosso público, mas a Flama não quer equívocos e tem amor a situações claras." (Flama, 28 de Maio de 1944, pág. 4)

uma barra de cor anunciava: “A revista da Juventude para a Juventude.” (*Flama*, 13 de Maio de 1944)

Só no segundo número, contudo, o director apresentaria o projecto da nova revista mensal:

“...[Flama] tem entre os seus fins o de promover o progresso das letras e do amor pela ciência entre a gente môça. Podíamos ocultar um pouco a nossa qualidade de católicos activos e muito aumentaria o nosso público, mas a Flama não quer equívocos e tem amor a situações claras.” (*Flama*, 28 de Maio de 1944, pág. 4)

O projecto da revista *Flama* mantinha o cariz católico do jornal que a precedera mas, além da mensagem cristã, abria também espaço para falar de desporto, campismo, teatro e cinema. Inicia-se, logo nesse segundo número de 1944, a tradição de entrevistar grandes figuras do mundo do espectáculo, o que traria grande popularidade à revista, sobretudo nos anos 60, quando são as estrelas do *showbizz* que tinham, quase sempre, honras de capa. A primeira estrela entrevistada foi a actriz D. Amélia Rey Colaço e a pergunta com que o jornalista Luís de Macedo iniciou a conversa foi a seguinte: “Acha V. Exa. que a juventude se interessa, de uma maneira geral, pelo teatro sério?”

O interesse da jovem equipa da *Flama* pelo mundo das artes e da cultura leva-os a promover, na mesma altura, um “curso literário e filosófico”⁴, que obteve grande sucesso graças à garantia de que os textos concorrentes seriam analisados por um júri composto por grandes nomes das letras portuguesas.

No terceiro número, um novo género jornalístico salta à vista nas páginas centrais⁵: a reportagem, combinando o texto com muitas fotografias. No caso, sobre a inauguração do Estádio Nacional, que ocorreu a 10 de Junho de 1944.

A revista foi conquistando leitores e, em 1948, já anun-

ciava em rodapé, na página 3: “A Flama é a revista de maior número de assinaturas em Portugal. Vendia, então, 17 mil exemplares por mês⁶. Nessa altura, o projecto sofreu algumas alterações gráficas, introduzidas pelo novo director, Mário Simas. O título, que se escrevia a branco, em letra pequena, e tanto era paginado no topo da capa como num canto inferior, sempre sobre uma fotografia em dois tons ou a cores, passa a “arrumar-se” dentro de uma moldura vermelha, no cabeçalho. O título começou por escrever-se em caixa baixo, alinhando-se à direita, e assim se manteve até início dos anos 60⁷. Em 1964, passou a escrever-se em maiúsculas e a paginar-se no canto superior esquerdo⁸. O número de páginas também se alargou, crescendo para as 24, sendo cerca de um terço já a cores⁹.

O jornal diário *Novidades* registava, em notícia, o sucesso da revista junto do público, por ocasião do seu aniversário:

“Flama é a revista magnificamente apresentada que pode e deve entrar em todas as famílias. Não é a revista de um grupo ou de uma confraria. É a revista da vida actual, com o seu movimento, as suas inquietações e o seu desejo heróico de libertação.” (*Novidades*, 13 de Maio de 1948)

3

● O RENASCIMENTO

Em Novembro de 1948, a *Flama* passou a ser propriedade da União Gráfica¹⁰, mas essa mudança, que viria a ser determinante para o seu futuro, só foi, numa primeira

Inicia-se, logo nesse segundo número de 1944, a tradição de entrevistar grandes figuras do mundo do espectáculo, o que traria grande popularidade à revista, sobretudo nos anos 60, quando são as estrelas do showbizz que tinham, quase sempre, honras de capa. A primeira estrela entrevistada foi a actriz Amélia Rey Colaço e a pergunta com que o jornalista Luís de Macedo iniciou a conversa foi a seguinte: “Acha V. Exa. que a juventude se interessa, de uma maneira geral, pelo teatro sério?”



No nº 58, publicado em Março de 1949, Frei Diogo Crespo explicava as transformações em curso na Flama. O título da sua coluna "À margem" era esperançoso: "Sonho realizado". Aí anunciava que a revista entraria "em rumos novos e mais dinâmicos", estando à vista a resolução da "dívida de 62 contos", que "não havia meio se solver-se, para que [a revista] triunfasse".

fase, registada na ficha técnica da publicação. O número de Janeiro não foi publicado e, em Fevereiro, a revista voltou às bancas, como se nada se tivesse passado. No nº 58, publicado em Março de 1949, Frei Diogo Crespo explicava, finalmente, as transformações em curso na *Flama*. O título da sua coluna “À margem” era esperançoso: “Sonho realizado”. Aí anunciava que a revista entraria “em rumos novos e mais dinâmicos”, estando à vista a resolução da “dívida de 62 contos”, que “não havia meio se solver-se, para que [a revista] triunfasse”. A nova fase da *Flama*, escrevia, ficava a dever-se “ao Monsenhor Avelino Gonçalves, director da União Gráfica, que conseguiu, com a sua delicada diplomacia, a fusão de três revistas – *Renascença*, *Flama* e *Papagaio* – numa única, melhor, que satisfaça o público”.

A *Flama* herdou, assim, secções que existiam nas outras revistas. Passou a publicar uma secção infantil, o “Papagaio”, com histórias e jogos para os mais pequenos, e iniciava também a publicação da grelha de programação da *Rádio Renascença*. Mas outras secções nasceram nesta altura. Foi o caso da secção de crítica de cinema, intitulada “Classificação moral das películas”, ou a página de moda feminina, “Nova Silhueta”. A União Gráfica investiu ainda numa nova redacção, na Rua de Santa Marta, e contratou mais jornalistas, uma vez que a revista alterou a sua periodicidade, passando a publicar-se semanalmente.

Na edição seguinte¹¹, o director da União Gráfica, Avelino Gonçalves, escreveu um editorial, explicando as grandes mudanças em curso na *Flama*:

“A nova revista, que hoje apresentamos, sairá semanalmente às sextas-feiras. Queremo-la moderna, actual e tecnicamente bem feita. Não se destina a determinada categoria de pessoas, só aos desta fé ou daquela condição social; dirige-se ao grande público, a todas as pessoas de bom gosto, que preferem o belo ao pornográfico, o elevado ao banal, e acham mais nobres e humanas

as coisas da vida quando através delas perpassa um sopro de espiritualidade. Trata-se, além disso, de uma publicação de iniciativa particular, completamente livre e independente, sem qualquer carácter oficial ou oficioso, nem sob o ponto de vista religioso nem sob o político.

(...) Entregamo-la ao público, que a sustentará com o seu dinheiro, assinando-a ou comprando-a para, semana a semana, repousar o espírito no pensamento que a inspira, na arte que a anima, na beleza e na harmonia que se desprendem das suas páginas.

*Destinemo-la a entrar como raio benéfico no seio da família portuguesa, em ar de respeito absoluto pelos sentimentos de dignidade e elevação moral que são de sua nobilíssima tradição, em intuito de ser útil a todos os seus membros. O pai dará a sua preferência à colaboração séria em letras e imagens, a mãe às páginas femininas, os jovens às actualidades desportivas e até os mais miudinhos, que ainda não sabem ler, se deixarão fascinar pelo colorido das nossas páginas. Oferecemo-la como companhia amável e passatempo útil aos que viajam ou descansam, como alívio aos que sofrem, como divertimento aos cansados e tristes, como instrumento de informação e cultura a todos. Nada faltará na *Flama* do que possa interessar em publicações desta natureza: selectos trechos literários, lindos contos, entrevistas, utilidades, histórias infantis, modas e labores, desportos, cinema e actualidades nacionais e estrangeiras. E, a embelezar tudo isto, imagens, muitas imagens e desenhos, o suave perfume da arte, a nota alegre das cores. Estamos certos de que o público nos compreenderá e virá ao nosso encontro.” (Flama, 22 de Abril de 1949, pág. 5)*

Três edições mais tarde, a revista festejava o seu 5º aniversário, colocando uma elegante e sorridente noiva na capa. O director-editor Mário Simas escreveu que, nesse período, “mais de meio milhão de exemplares chegaram já a todos os cantos do país e do estrangeiro, levando sempre uma

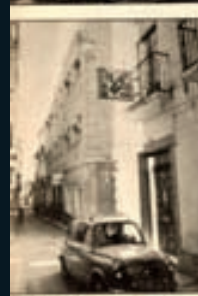
“Destinemo-la a entrar como raio benéfico no seio da família portuguesa, em ar de respeito absoluto pelos sentimentos de dignidade e elevação moral que são de sua nobilíssima tradição, em intuito de ser útil a todos os seus membros. O pai dará a sua preferência à colaboração séria em letras e imagens, a mãe às páginas femininas, os jovens às actualidades desportivas e até os mais miudinhos, que ainda não sabem ler, se deixarão fascinar pelo colorido das nossas páginas.” (Flama, 22 de Abril de 1949, pág. 5)

Um dos artigos de maior sucesso da revista foi o publicado em 1964...

HUMBERTO DELGADO: UM PORTUGUES DE CORAGEM



QUEM MATOU DELGADO?



O facto, porém, ocorreu em dezembro. Delgado era conhecido como general da liberdade...

Em 1962, no seu mandato como ministro da Defesa, Delgado enfrentou a oposição...

A esta hora de hesitação que levou Delgado a abandonar o país...

Delgado acabou desobediendo a ordem de não sair do país...

Delgado conseguiu escapar no Rio de Janeiro e pôde continuar a lutar...

"Foi sempre uma voz independente, uma voz que nunca se curvou, mau grado as pressões que vinham de todos os lados, o que custou aos trabalhadores da sua redacção muitos dissabores ao longo dos anos. Tínhamos de ter sempre alternativas para metade da revista, ou mais, devido aos grandes cortes que a censura sempre exerceu sobre a revista Flama." (António Reis, director entre 1964 e 1976)

lufada de ar puro e renovado" (*Flama*, nº 62, 13 de Maio de 1949, pág. 5)

A revista foi conquistando leitores, ao longo da década de 50, e, no início dos anos 60, voltou a "lavar a cara", com a intervenção de Manuel da Silva Costa, que entrou para a direcção¹². O jornalista traria para a *Flama* jovens jornalistas que mais tarde, ocupariam lugares de destaque na imprensa portuguesa, como foi o caso de Carlos Cáceres Monteiro¹³ ou Daniel Ricardo¹⁴. A revista transformou-se, definitivamente, em "revista semanal de actualidades", dando mais espaço e importância aos assuntos da política nacional e internacional.

Em 1964, a direcção foi entregue a António dos Reis, um homem próximo da hierarquia da Igreja, que tinha frequentado o seminário e a universidade de Roma, mas que nunca usara batina¹⁵. A chefia de redacção estava a cargo de ~~Manuel Beça Múrias~~.

O director achou por bem continuar o trabalho de Silva Costa e contratou um novo "lote de jornalistas importantes", fazendo da *Flama* "não só uma revista equilibrada economicamente, tendo até anos de lucro real, como uma revista de actualidades ao nível das que se publicam por essa Europa fora"¹⁶.

Em 1965, capas como a que desvenda o lado íntimo de Amália, numa entrevista à jornalista Edite Soeiro, igualavam, em qualidade e beleza estética, publicações como a norte-americana *Life* ou a francesa *Paris-Match*.

No final dos anos 60, a revista voltou a contratar mais jornalistas. Nessa "nova vaga" entraram, como estagiários, Fernando Cascais¹⁷, Alexandre Manuel e António Amorim. Fernando Cascais lembra que, no final do curso de jornalismo que frequentou, promovido pelo Sindicato¹⁸, recusou um convite do *Diário de Notícias* e foi oferecer-se à *Flama*, quando soube que ali precisavam de estagiários (Fernando Cascais, entrevista pessoal, 8 de Julho de 2006).

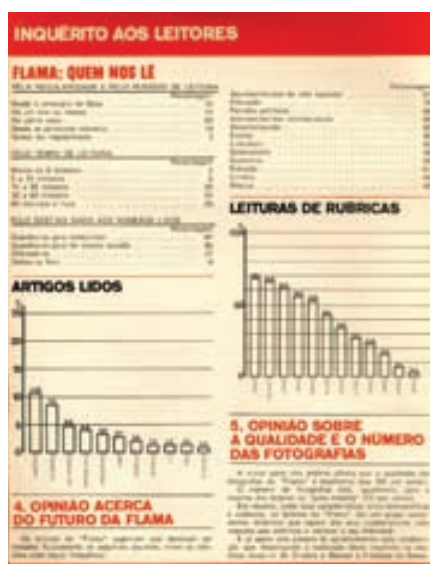
A redacção, nessa época, era constituída por uma "equipa de luxo", e com ela colaboravam alguns dos melhores jornalistas portugueses: Manuel Beça Múrias (chefe de redacção), José Silva Pinto (sub-chefe de redacção), Afonso Praça, Carlos Cáceres Monteiro, Daniel Ricardo, Joaquim Letria, Edite Soeiro, Manuel Gonçalves da Silva, Regina Louro, Manuela Alves, António Vinagre, Cesário Borge, entre outros.

"Eram mestres a escrever nas entrelinhas", como recorda Fernando Cascais. Mas, ainda assim, era rara a edição que não tivesse problemas com a censura, como explicou o director António dos Reis, numa entrevista radiofónica¹⁹: "Foi sempre uma voz independente, uma voz que nunca se curvou, mau grado as pressões que vinham de todos os lados, o que custou aos trabalhadores da sua redacção muitos dissabores ao longo dos anos. Tínhamos de ter sempre alternativas para metade da revista, ou mais, devido aos grandes cortes que a censura sempre exerceu sobre a revista *Flama*."

Percebendo, desde cedo, o poder das imagens na revista, a censura exigia ver, além dos textos, todas as provas de página, já com as fotografias inseridas e legendadas (Fernando Cascais, entrevista pessoal, 8 de Julho de 2006).

O departamento de fotografia, pioneiro na linguagem do fotojornalismo (tal como era a equipa liderada por Eduardo Gageiro, n' *O Século Ilustrado*), era composto por Carlos Gil, António Xavier, Joaquim Lobo e Armando Vidal.

Apesar de todas as dificuldades, a revista atingiu, entre 1967 e 1971, o seu recorde de vendas, na ordem dos 30 mil exemplares semanais, e cresceu para as 68 páginas, sendo metade (entre 30 e 36 páginas), ocupadas por publicidade²⁰.



A receita do sucesso residia na combinação do tratamento de assuntos políticos importantes, ao mesmo tempo que se dava destaque às figuras do mundo do espectáculo, em páginas muito ilustradas. A intervenção do director na escolha desses temas era mínima, ocupando-se mais de questões administrativas. Conduzia sempre, no entanto, a reunião semanal da revista, à segunda-feira à tarde, quando se discutiam os temas para a edição seguinte. A redacção toda participava nesses encontros de trabalho, que começavam, invariavelmente, com a mesma pergunta de António dos Reis: “Qual vai ser a capa?” (Fernando Cascais, entrevista pessoal, 8 de Julho de 2006).

Aproveitando todas as brechas de liberdade possíveis, sobretudo no período marcelista, a *Flama* foi colocando na capa alguns temas “difíceis”, como a chamada de atenção para um perfil de Martin Luther King²¹, ou destacando a reportagem, a cores, “Um dia com o mais famoso general israelita, Moshe Dayan”²².

4. O DOMÍNIO DA BANCA

Em 1972, a revista voltava a mudar de mãos, passando a ser propriedade da Sefla - Sociedade Editorial Flama, uma empresa detida maioritariamente pelo Crédito Predial Português. A sua estrutura accionista era a seguinte²³:

- Crédito Predial Português, com 2 000 acções, no valor de 2 mil contos

- Mermu, empresa de Mercados Múltiplos detida a 100% pelo Crédito predial Português, com 4 000 acções
- Livraria Internacional, com 2 000 acções
- Sonasi, do grupo Manuel Bulhosa, com 1 950 acções
- Dr. Pedro Fernandes, sobrinho de Manuel Bulhosa, com 50 acções

Segundo António dos Reis, foi esse “assalto do poder capitalista”²⁴ que conduziu a revista à difícil situação financeira que ditaria o seu encerramento, em Setembro de 1976:

“A banca, para fins políticos que são conhecidos, tentou comprar desenfreadamente todas as grandes publicações do país. A *Flama* não podia passar despercebida. No início de 1972, pela mão do então presidente do Crédito Predial Português, Jorge Gonçalves Pereira, e o presidente do Conselho de Administração da União Gráfica, que ao tempo era simultaneamente director-geral da RTP, organizou-se um conluio, que determinou que a *Flama* fosse parar às mãos da banca nacionalizada. A *Flama*, que em 1972 tinha dado, efectivamente, um pequeno défice de 300 contos, realizáveis a curto prazo, iniciou um problema que, devido à incompetência das pessoas que assumiram a sua administração, leva agora à sua suspensão.”²⁵

O controlo da imprensa pelo poder económico não era uma novidade do período marcelista. “Sempre que um jornal estava em crise, o Estado orientava a acção do apoio económico a partir do Banco Nacional Ultramarino ou da Caixa Geral de Depósitos. Durante o marcelismo, essa tendência mantém-se, mas nem sempre com os mesmos resultados. O objectivo era o controlo económico da imprensa, sobretudo daquela que mantinha características independentes.”²⁶

A notícia do fim da *Flama* apanhou a redacção despre-

Apesar de todas as dificuldades, a revista atingiu, entre 1967 e 1971, o seu recorde de vendas, na ordem dos 30 mil exemplares semanais, e cresceu para as 68 páginas, sendo metade (entre 30 e 36 páginas), ocupadas por publicidade.

A receita do sucesso residia na combinação do tratamento de assuntos políticos importantes, ao mesmo tempo que se dava destaque às figuras do mundo do espectáculo, em páginas muito ilustradas.

venida e, segundo António Amorim²⁷, chegou da pior maneira possível:

“Nós soubemos por portas travessas, através de um telefona de rotina para as oficinas gráficas²⁸, que a revista estava suspensa. Estávamos a trabalhar há dois dias para um número que o conselho de gestão sabia que já não ia sair e nada nos disseram... Na tarde desse mesmo dia, dois administradores da Sefla vieram então falar com os trabalhadores da Flama. Diziam apenas que a revista estava suspensa, não havendo ainda qualquer decisão sobre o seu final, e que estavam assegurados os vencimentos aos trabalhadores.”

Não seria assim, como cedo vieram a perceber. Nesse triste dia de 2 de Setembro de 1976, quando os trabalhadores foram confrontados com o fim da revista, Edite Soeiro²⁹ ainda pediu aos administradores que permitissem a publicação de mais um número: “Em todo o mundo, quando uma publicação é suspensa, são os seus jornalistas que comunicam o fim aos leitores.”

O conselho de gestão da Sefla assim não entendeu, preferindo publicar anúncios nos jornais nacionais de maior tiragem, comunicando o fim da publicação. Esse comunicado oficial dizia que “... a Flama não soube, após a nacionalização da banca, mesmo passando a dispor de total autonomia técnica, e mantendo-se o apoio financeiro, encontrar formas de diálogo com o público que se traduzissem no aumento da sua preferência e num volume de receitas que pudessem, pelo menos, igualar as despesas, libertando assim a banca nacionalizada dos elevados prejuízos já referidos.”

António Amorim³⁰ lamentou o tom desse anúncio, dando a entender que a culpa era dos trabalhadores. “Isso é muito incorrecto e nada objectivo. O problema da Flama é o

mesmo que afecta toda a imprensa portuguesa, que está em crise devido a uma série de factores, nomeadamente do aumento do preço do papel, das tarifas dos CTT, do aumento do número de títulos que são hoje publicados... São tudo aspectos que o conselho de gestão ignora.” Edite Soeiro³¹ também não apoiou a posição do conselho de gestão da Sefla, considerando mesmo que “a administração agiu de má fé”. Na sua opinião, “podia-se ter feito, pelo menos, um comunicado público conjunto”. Porque “há uma relação ente os trabalhadores e os leitores”, que se quebrou da pior forma – sem sequer haver oportunidade para despedidas. ■

BIBLIOGRAFIA

- CABRERA, Ana Maria dos Santos (2005). *Imprensa e Poder no Período Marcelista*, Dissertação de Doutoramento em História Institucional e Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa
- CORREIA, Fernando (2006). *Jornalismo, Grupos Económico e Democracia*, Caminho

PUBLICAÇÕES

- Flama*, Fevereiro de 1937 a Janeiro de 1942
- Flama*, Maio de 1944 a Dezembro de 1948
- Flama*, Fevereiro de 1949 a Janeiro de 1952
- Flama*, primeiro semestre de 1960
- Flama*, primeiro semestre de 1965
- Flama*, Janeiro de 1972 a Setembro de 1976
- Novidades*, primeiro semestre 1948
- O Século Ilustrado*, primeiro semestre de 1940
- O Século Ilustrado*, primeiro semestre de 1960
- O Século Ilustrado*, primeiro semestre de 1974

Trabalho realizado no âmbito da Pós-Graduação em Jornalismo (2005/2006), Departamento de Sociologia do ISCTE / Escola Superior de Comunicação Social

Nesse triste dia de 2 de Setembro de 1976, quando os trabalhadores foram confrontados com o fim da revista, Edite Soeiro (chefe de redacção) ainda pediu aos administradores que permitissem a publicação de mais um número: “Em todo o mundo, quando uma publicação é suspensa, são os seus jornalistas que comunicam o fim aos leitores.” O conselho de gestão da Sefla assim não entendeu, preferindo publicar anúncios nos jornais nacionais de maior tiragem, comunicando o fim da publicação.

¹ A primeira publicação a designar-se como “revista” foi a *The Gentleman’s Magazine*, publicada em Londres, em Janeiro de 1731. O editor Edward Cave decidira dividir a publicação em departamentos, como num *magasin*, ou pequeno supermercado. Apesar destas revistas não terem, como as *news-magazines*, a preocupação de noticiar os temas mais importantes da semana, abordavam vários temas da actualidade nacional e internacional, recorrendo a géneros pouco comuns para a época, como a entrevista de fundo ou a grande reportagem, combinando o tratamento desses assuntos mais “sérios” com temas mais ligeiros, relacionados sobretudo com o mundo das artes e do espectáculo.

² Essa denominação surge em 1962, na sequência da remodelação conduzida por Manuel da Silva Costa (Entrevista de António dos Reis, director da *Flama* entre 1964 e 1976, ao programa de rádio Contra-Ponto, de José Manuel Nunes, emitido na RDP a 16 de Setembro de 1976; espólio de Fernando Cascais).

³ Entrevista de António dos Reis, director da *Flama* entre 1964 e 1976, ao programa de rádio Contra-Ponto, de José Manuel Nunes, emitido na RDP a 16 de Setembro de 1976; espólio de Fernando Cascais.

⁴ *Flama*, nº2, Junho de 1944, pág. 5

⁵ *Flama*, nº 3, Julho de 1944, pág.10-13.

⁶ *Flama*, nº58, Março de 1949.

⁷ Ver pág. 55

⁸ Ver pág. 57

⁹ As páginas a cores são, sobretudo, ocupadas por anúncios publicitários.

¹⁰ A União Gráfica S.A.R.L. era também proprietária do jornal diário *Novidades*, de inspiração católica.

¹¹ *Flama*, nº 59, 22 de Abril de 1949

¹² Entrevista de António dos Reis, director da *Flama* entre 1964 e 1976, ao programa de rádio Contra-Ponto, de José Manuel Nunes, emitido na RDP a 16 de Setembro de 1976; espólio de Fernando Cascais.

¹³ Carlos Cáceres Monteiro (1948-2006), considerado um dos melhores repórteres portugueses da sua geração, viajou um pouco por todos os pontos do planeta, cobrindo vários conflitos no Golfo Pérsico, Angola, El Salvador, Chiapas, Camboja, Rodésia ou Irão, entre outros. Acompanhou também a situação na Europa de Leste, antes

e depois da queda dos regimes comunistas, e fez vários trabalhos no Extremo-Oriente, designadamente no Vietname. Dessas experiências resultaram vários livros de reportagem, sendo *Hotel Babilónia* o mais recente (2004). Trabalhou nas revistas *Flama* e *O Século Ilustrado*, tendo sido também subchefe de redacção n’*A Capital* e editor de política do *Diário de Notícias*. Foi correspondente em Lisboa da revista espanhola *Câmbio 16*, director do *Se7e* e director-adjunto de *O Jornal*. Foi director da *Visão* desde a sua fundação até Junho de 2005.

¹⁴ Daniel Ricardo iniciou a carreira n’*A Capital*, foi jornalista das revistas *Flama* e *O Século Ilustrado* e exerceu funções de chefia no *Diário de Notícias*, *O Diário*, *Se7e*, *O Jornal* e *O Jornal Ilustrado*. É editor executivo da revista *Visão*.

¹⁵ Fernando Cascais, entrevista pessoal, 8 de Julho de 2006.

¹⁶ Entrevista de António dos Reis, director da *Flama* entre 1964 e 1976, ao programa de rádio Contra-Ponto, de José Manuel Nunes, emitido na RDP a 16 de Setembro de 1976; espólio de Fernando Cascais.

¹⁷ O jornalista é filho de Carlos Cascais, que foi durante mais de uma década sub-chefe de redacção da *Flama*. Fernando Cascais saiu da revista em 1975 para a *Vida Mundial*, tendo depois transitado para o jornal *República*. Hoje é director do Cenjor – Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas.

¹⁸ Trata-se do primeiro curso de jornalismo promovido pelo Sindicato de Jornalistas, no ano 1968/69.

¹⁹ Entrevista de António dos Reis, director da *Flama* entre 1964 e 1976, ao programa de rádio Contra-Ponto, de José Manuel Nunes, emitido na RDP a 16 de Setembro de 1976; espólio de Fernando Cascais.

²⁰ Entrevista de António dos Reis, director da *Flama* entre 1964 e 1976, ao programa de rádio Contra-Ponto, de José Manuel Nunes, emitido na RDP a 16 de Setembro de 1976; espólio de Fernando Cascais.

²¹ *Flama*, nº878, 1 de Janeiro de 1965.

²² *Flama*, nº 1295, 29 de Dezembro de 1972.

²³ Entrevista de António Amorim, sub-chefe de redacção da *Flama* nos anos 70, ao programa de rádio Contra-Ponto, de José Manuel Nunes, emitido na RDP a 16 de Setembro de 1976; espólio de Fernando Cascais

²⁴ Entrevista de António dos Reis, director da *Flama* entre 1964 e 1976, ao programa de rádio Contra-Ponto, de José Manuel Nunes, emitido na RDP a 16 de Setembro de 1976; espólio de Fernando Cascais.

²⁵ Entrevista de António dos Reis, director da *Flama* entre 1964 e 1976, ao programa de rádio Contra-Ponto, de José Manuel Nunes, emitido na RDP a 16 de Setembro de 1976; espólio de Fernando Cascais.

²⁶ CABRERA, Ana Maria dos Santos (2005), *Imprensa e Poder no Período Marcelista*, Dissertação de Doutoramento em História Institucional e Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa, p. 333.

²⁷ Entrevista de António Amorim, sub-chefe de redacção da *Flama* nos anos 70, ao programa de rádio Contra-Ponto, de José Manuel Nunes, emitido na RDP a 16 de Setembro de 1976; espólio de Fernando Cascais

²⁸ Trata-se da Sociedade Nacional de Tipografia

²⁹ Nessa altura, era chefe de redacção da *Flama*. Hoje é editora executiva da revista *Visão*.

³⁰ Entrevista de António Amorim, sub-chefe de redacção da *Flama* nos anos 70, ao programa de rádio Contra-Ponto, de José Manuel Nunes, emitido na RDP a 16 de Setembro de 1976; espólio de Fernando Cascais

³¹ Entrevista de Edite Soeiro, chefe de redacção da *Flama* nos anos 70, ao programa de rádio Contra-Ponto, de José Manuel Nunes, emitido na RDP a 16 de Setembro de 1976; espólio de Fernando Cascais.